

Duílio Crispim Farina, homem de ação e de sonho

Paulo Bonfim

Na geografia de sua cidade dois caminhos apontavam para o Arouche.

O universo da infância e a presença da chácara ancestral de Dona Maria Antonia, nascença das ruas que correm para este largo.

A mocidade inquieta do estudante de Medicina pressentia que a nova rua Vieira de Carvalho, antiga residência de seu ídolo Doutor Arnaldo, trazia em si outro chamado que indicava o local onde se ergueria o prédio desta Academia.

A vida de Vossa Excelência é um retrato da metrópole que tanto ama.

Passado e futuro habitam seu mergulho nas raízes e o garimpar de auroras.

Da Medicina à Literatura, da História à História, da Psicologia à Psicologia, da Psicologia à memória, a rosa dos ventos exala o perfume de muitas procuras.

Homem de ação e de sonho, Vossa Excelência coloca a tempera do lidador a serviço das grandes causas.

Das lutas estudantis aos dias de hoje, perdura nos gestos de Vossa Excelência o dom de trazer ao mundo destinos e idéias.

Herdou de seus maiores o amor ao combate, fibra de cruzado e de navegador, de sertanista e de guerreiro do cotidiano.

Em seus escritos, a lembrança de nossa gente floresce, a Faculdade de Medicina escreve saga de solidariedade, e a Paulicéia palpita entre taipas e campanários.

Meu pai foi quem primeiro chamou minha atenção para o jovem médico que escrevia e falava com tanto entusiasmo sobre figuras e fatos de Piratininga.

A partir daí principiei a

No dia 21 de setembro passado, tomou posse na Academia Paulista de Letras, cadeira 40, o ilustre médico Duílio Crispim Farina. Quem o recebeu no sodalício foi o maior poeta brasileiro, acadêmico Paulo Bonfim, que na ocasião cuidou, em maravilhosa prosa que ora publicamos, da vida e da obra do novo acadêmico. Quanto ao discurso de posse do doutor Farina, será publicado, na íntegra, no próximo número deste Suplemento.

seguir os passos de Vossa Excelência pelas sendas da pesquisa e da evocação.

Em nosso primeiro encontro tive a certeza de que aquele era apenas mais um reencontro de nossos destinos.

Entre ameias e velas pandas, serões e arranhacéus, os irmãos se reconhecem!

Curiosa predestinação desta Cadeira, a de abrigar quatro ocupantes indômitos e fascinados por nossa gleba!

José Bonifácio de Andrada e Silva, José Feliciano de Oliveira, Menotti del Picchia e Duílio Crispim Farina.

Um fio verde amarelo urde a tapeçaria desses quatro peregrinos da brasilidade.

Nos quatro pugnadores permanece vivo o espírito rebelde dos vinte anos!

Cada um procurando a seu modo mudar a fisionomia do mundo com o qual não concordam.

José Bonifácio molda a biografia da nova Pátria, José Feliciano escreve a vida de José Bonifácio, Menotti redige a existência do modernismo e Duílio termina seu retrato de José Feliciano.

Duílio Crispim Farina nasceu na Ladeira Porto Geral, na casa solarenga de sua tia Dona Maria Piza de Azevedo, entre as auras da taba de Tibiriçá e do Pátio do Colégio.

Seu pensamento navegou do Tamanduaté ao Tietê, do Tietê ao Paraná, do Paraná ao rio da Prata, do rio da Prata ao Atlântico, nirvana de todos os rios, estrada de sal e espumas que trouxera seus antepassados.



Duílio Crispim Farina (à esq.) e Paulo Bonfim

O morador é definido pelas ruas que habitou!

Na Travessa Porto Geral intui o roteiro das monções, na Frei Caneca os rumos da liberdade, na Itararé a defesa de nossas fronteiras espirituais, na Paulista seu amor ao progresso, na chácara dos avós o chamado de seus maiores, na Oscar Freire a vocação da Medicina, na Maestro Chiavarelli a sensibilidade musical, na avenida Europa, ao lado de Dona Maria Helena, de seus filhos e netos, o eco das catedrais e a vigília de armas!

Em 1930 um menino contempla o mar na praia do Guarujá, que o avô comprara de Dona Maria, filha do Visconde de Pelotas, que a recebera do Imperador.

O bramir das ondas acompanhará os passos do futuro historiador, das Astúrias paulistas às Astúrias cantábricas.

O viajante incansável levará por países e livros as indagações do mar e a poesia da chácara que o avô paterno adquirira do doutor Graz, pai do pintor modernista John Graz.

Dona Dulce Braga, a primeira professora, hoje esposa do professor Celso Neves, aí está acompanhando com orgulho a glória de seu aluno do "Externato Avenida Angélica".

Depois, o Gíndasio do Estado, onde viria a conviver com os mestres Freitas Valle, Mário de Souza Lima, Bento de Assis, Paulo Decourt.

Na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Duílio Crispim Farina encontraria seu condão.

Um tríptico de ciência e humanismo surgirá em seu caminho: Antonio Carlos Pacheco e Silva, Raul Briquet e Ernesto de Souza Campos, três acadêmicos

preannunciando sua vinda para este sodalício.

A existência de cada um de nós é um mosaico que forma nossa fisionomia espiritual com os encontros marcantes que vamos tendo:

Ovídio Pires de Campos, Antonio Cândido Camargo, Almeida Prado, Alípio Corrêa Neto, Bahia, Waldemar de Souza Rudge, Moraes Barros

traçarão o perfil do jovem médico da turma de 47, que fora um dos mais aguerridos presidentes do Centro Acadêmico Osvaldo Cruz.

Nos hospitais onde trabalhou, na Associação Paulista de Medicina e na "Biblioteca da Memória da Ciência e da Medicina", dependência de sua alma, no Instituto Histórico e Geográfico e na Academia Cristã de Letras, na Academia Paulista de História e na Sociedade de História e Medicina de Paris, o homem é conduzido por seu avatar.

Aí estão suas obras, "Medicina no Planalto de Piratininga", "Esculápios portugueses das sete partidas", "Tempo de vida, doença e morte na Casa de Bragança", "Cândido Fontoura, o Homem e a Obra", "Médicos do Império" e inúmeros artigos e ensaios onde deparamos com temas fascinantes, como "Tempo de Manoel Maria Barbosa do Bocage no Brasil", "Liberio Badaró e a Medicina" e centenas de personagens que desfilam diante de nós sob um enfoque original e cheio de revelações.

Em tudo o que escreve

acontecimento marcante o de hoje quando uma posse adquire vibrações telúricas.

Engalana-se este sílogeu para receber o irmão em São Paulo.

O passado de nossa grei palpita num caleidoscópio de vultos e de fastos.

Lembrando o romano Marcos Duílio, o Duílio bandeirante chega para combater o bom combate. Com as garras de ferro do outro homônimo, Caio Duílio, atacará, não as naus cartaginesas, mas a decadência e o erro que fazem sobressair a nau do Estado.

Ilustre ocupante da Cadeira 40, na noite povoada de sortilégio, o espírito desta terra exclama, entre astrolábios e gibões de couro, entre capas espanholas e capacetes de aço:

— Bem-vindo à Academia Paulista de Letras, acadêmico Duílio Crispim Farina!

há uma constante patriótica, poder invocatório despertando o antigamente e dando voz ao silêncio que envolve a tradição em nossa época.

Quando o pai de Menotti del Picchia foi vizinho, na esquina da rua de São Bento, de José Farina, colecionador de obras de arte, o futuro encontro de autores era escrito no livro do destino!

Um cinturão de velhas chácaras rodeia a vocação de Vossa Excelência, memória paulista por todos os lados!

Os nomes tutelares da Cadeira 40 estão presentes nesta solenidade.

José Bonifácio lembra ao ocupante sua vocação cívica e científica, José Feliciano acompanha, com o telescópio assentado no Observatório da Consolação, as pesquisas históricas do novo Imortal, e Menotti saúda em Vossa Excelência a continuidade do lirismo e da paixão de existir.

Dois poemas de Carlos

Paulo Fraletti

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 1902. Era farmacêutico, mas nunca exerceu a profissão. Preferiu dedicar-se ao jornalismo e à literatura, como poeta e escritor. Como jornalista, trabalhou em jornais de Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Foi ao tempo em que exerceu a chefia da redação do **Diário de Minas** que, com vários companheiros, também intelectuais, desenvolveu o movimento modernista naquele Estado.

Foi Drummond, ainda, funcionário público, em Minas e no Rio (Ministério da Educação), além de ter realizado breve incursão pela política, da qual se retirou decepcionado.

A poesia de Drummond é antilírica, seca, descritiva, prolixa até, mas de um fino sabor satírico-humorístico. Não lhe falta, porém, de todo, o lirismo tão necessário à perenidade das coisas belas e profundas.

Em seu livro "Discurso de Primavera e Algumas Sombras" (3.ª edição, 1979) constam dois poemas que devem ser divulgados no ambiente médico-farmacêutico: "**Receituário Sortido**" e "**Pedro Nava (A partir do nome)**". No primeiro, Drummond dá vazão à sua ironia contra o vasto arsenal terapêutico da indústria farmacêutica brasileira (levado, talvez, pela frustração de nunca ter exercido sua primeira vocação) e à moda (quase mania) de prescrição médica exagerada de psicotrópicos ansiolíticos (tranqüilizantes). No segundo poema, sobre Nava, Drummond demonstra sua admiração pelo amigo, médico reumatologista de renome, também poeta e principalmente memorialista que, tão tragicamente acabou pondo fim à sua vida. Ambos, grandes nomes de nossa literatura.

Receituário Sortido

*Calma.
É preciso ter calma no Brasil
calmina
calmarian
calmogen
calmovita.*

*Que negócio é esse de ansiedade?
Não quero ver ninguém ansioso.
O cordão dos ansiosos enfrentemos:
ansipan!
ansiotex!
ansiex ansiax ansiolax
ansiopax, amigos!*

*Serenidade, amor, serenidade.
Dissolve-se a seresta no sereno?
Fecha os olhos: serenium,
serenex...*

*Dói muito o teu dodói de alma?
Em seda e sedativo te protejas.
Sedax, meu coração,
sedolim
sedotex
sedomepril.*

*Meu bem, relaxe por favor.
Relaxan
relaxatil.
Batem, batem à porta? Relax-pan.*

*Estás tenso, meu velho?
Tenso de alta tensão, intensa, turbida?
Atenção: tensoben
tensocron
tensocrin
tensik
tensoplisin.*

*Anda, cai no sono,
amigo, olha o sonix.
Como soa o sonil
sonipan sonotal
sonoasil*



sonobel sonopax!

*E fique aí tranqüilo tranqüilinho
bem tranqüil
tranqüilid
tranqüilase
tranqüilan
tranqüilin
tranqüix tranqüiex
tranqüimax
tranqüisan
e mesmo tranxilene!*

*Estás píssico, talvez,
de tanto desencucarem tua cuca?
Estás perplexo?
Não ouves o pipilar: psicoplex?
psicodin
psiquim
psicobiome
psicolatil?
Não sentes adejar: psicopax?*

*Então morre, amizade. Morre presto,
morre já, morre urgente,
antes que em drágea cápsula ampola
flaconete
proves letalex
mortalin
obituaran
homicidil
thanatex thanatil
thanatipum!*

Drummond de Andrade

Pedro Nava
(A Partir do Nome)



Nava
campo-raso plantície intermontana
onde os plantaram seu brasão
Ponti di Nava
Nava del Rey
de chocolate e vinho incandescentes
Navas de Oviedo
manando água sulfúrea sob o olhar
de romanos de pés dominadores
Navas de Tolosa
onde os reis de Navarra, de Castela e de
Aragão
dobraram para sempre
a cerviz dos almóadas
Navarino enseada helênica
de que partem os bélicos navarcos
em naves agressivas

Navarre
colégio douto modelando
o menino Bossuet, o garoto Richilieu
navajos
confinando a glória antiga nas reservas
de papel passado e desprezado pelos brancos
e nos filmes ferozes de Hollywood
Navarete
(Domingo Hernandez) obstinado
teólogo debatedor de ritos chineses

Nava
navio sulcando europas maranhões
cearás alencarinos
cruzando mares de serras e cerrados
até chegar à angra tranqüila
de Juiz de Fora
onde a 5 de junho de 1903
desembarca o infante Pedro Nava.

Nava
O novo sentido da palavra
agora poesia
de distintas maneiras naviexpressa
em verso múltiplo, eis salta do verbo
para navianimar membros rígidos inertes
de gente sofredora

*e reacender-lhes o ritmo do gesto
no baile de viver.
Versa depois outro caminho e cria
na superfície nívea as formas coloridas
do objeto pictórico
assim como quem não quer, mas tão sabido
que a arte o denuncia em toda parte,
e regressando ao porto de partida
navioceanigráfico navega
a descobrir tesouros submersos insuspeitados
no mais fundo da língua portuguesa.*

*Nava navipoeta
naviprosista
que a névoa do tempo descerrando
exibe ao nosso pasmo
as navetas de prata da memória
onde em linhas de nuvem se condensam
os externos e internos movimentos
do corpo brasileiro repartido
em clãs, em escrituras, em sussurros
de alcova, que, navissutil,
Nava recolhe e grava:
sensível retrato do Brasil
pulsando em navicinzza do passado.*

Nava
fulgindo n'alva dos setent'anos.

Mário de Andrade e a Medicina

Walter Pinheiro Guerra

Muitos ficarão surpresos ao saber que o polígrafo bandeirante escreveu "Namoros com a Medicina", o que o levou a ser convidado para uma palestra em nossa Associação, sobre "Terapêutica Musical".

Saiba ela na antiga revista "Publicações Médicas", na década de 30, e que era o nosso órgão de divulgação. Aos 10 anos de idade, indagado sobre o que pretendia ser quando adulto, sem maior reflexo respondeu: "Sou ser médico". No fundo, o que realmente almejava era atingir a maioridade. Poderia, então, fumar, pegar bonde em movimento, andar com dinheiro no bolso... Neste particular, equivocou-se redondamente. Imaginava, em sua ingenuidade infantil, que os médicos faturavam grosso, um lado enganoso.

Não foi uma opção vocacional. Confessa que, ao preencher ficha de hotel, por exemplo, vacilava quanto à profissão a declarar: pianista, professor, jornalista, crítico de arte, folclorista, ou, mais precisamente, funcionário público? Concluiu jocosamente: "Só me arrependo de não ter ficado médico, por causa dos fichários de hotéis..."

Tornou-se médico às avessas, "isto é, doente". E completa: "Sou de uma perfeição profissional no descrever os sintomas das doenças". Não divorciou-

se inteiramente de sua escolha infantil, quanto à profissão. Foi tomado da mania de fichar tudo o que lia sobre a profissão hipocrática, o que lhe foi de extrema valia.

Em seguida, passa a explicar as vantagens da "terapêutica musical", cuja influência sedativa e tranquilizante é inegável. Que o digam os psiquiatras. Enfatiza a força e o poder do ritmo, tanto entre tribos selvagens, como nos ritos da macumba, que tanto podem levar à sono-lência quanto à superexcitação incontrolável.

Afirma serem inúmeras as curas alcançadas nos terreiros de macumba com nos ritos das pajelanças. Atribui essas curas a "estados cinestésicos violentos" por que ativa, aguçam as faculdades mentais fisiológicas. Recordar que tanto Charcot, quanto Frel, em la Salpêtrière, permitiram a formação de orquestras de doentes mentais naquele frenocômio.

Faço aos resultados obtidos, outros psiquiatras da Europa seguiram o exemplo daqueles sábios. Para testar o que lera sobre o assunto, o próprio Mário de Andrade promoveu uma sessão musical no Juqueri, que, segundo ele, "deu excelentes resultados", conforme depoimentos de psiquiatras daquele estabelecimento.

Em abono de sua tese, cita apreciado rol de médicos europeus que se encantaram com a Meloterapia,

como a denomina, sinônimo de Musicoterapia, sem contar a experiência havida no Juqueri. Tanto interesse despertou o tema na classe médica, que foi convidado a pronunciar outra palestra na AFM, que acabou por não realizar-se. Desta feita, abordaria "A Medicina dos Excretos", que foi igualmente estampada em "Publicações Médicas".

Valendo-se do conceito universalmente aceito, de que há doenças e não doenças, enfatiza que também na meloterapia, como na terapêutica farmacológica, deve-se atentar para a individualidade do paciente e à dosificação, variável em cada caso. Aconselha agir com prudência, pesquizando cada caso em particular, porquanto não existem fórmulas sistematizadas.

No que tange aos excrementos, relembra que o homem sempre importou-se com o que o organismo elimina, deles servindo-se para tratamentos empíricos e do gosto popular. O episódio faz-nos retornar a nossos tempos de médico do Interior, quando as mães traziam fraldas malcheirosas, sujas de dejeções, para que as vissemos! Com esse e outros velhos abusos, o leigo, a exemplo dos povos primitivos, cujos sacerdotes magos e adivinhos, a quem competia formular vaticínios ou augúrios, espera o mesmo dos médicos. Esses sacerdotes retiravam as vísceras dos animais, de-



las formulando augúrios e vaticínios.

Nos vem à memória ao mesmo tempo, quando na gripe espanhola de 1918, a recomendação de tratamento à base de chá de excrementos de cachorro, eufemisticamente conhecido como "jasmim"... desse animal. Mais repugnante era o decocto de baratas, com o odor nauseante desse inseto. Ou então, o costume que encontramos em Roraima, como a aplicação de saços com o ventre voltado para baixo sobre o vermelhão da erisipela, prática usual entre o povo. Para tratamento da "frieira", ensinava-se mergulhar os pés nas fezes quentes, contidas nos intestinos de reses recém-abatidas. Passa Mário de Andrade a descrever um seu número de aplicações de fezes, urina humana ou de animais, visando curar as mais diversas moléstias. Quando o veículo é a

urina, pode vir misturada com outros elementos como plantas, fumo etc.

A maioria das "receitas" nos vem de Portugal. Todavia, Chile, Bolívia, Peru, e outros países do nosso continente, têm seu arsenal terapêutico muito parecido ao do nosso interior. Em vários países da Europa existem as mesmas crenças. Elas parecem mais variadas e abundantes no Brasil e em outras nações de forte contingente indígena ou de negros, que trouxeram de suas origens as crenças que nosso povo adotou.

Assinala ele que, na Índia, onde a vaca é animal sagrado, seus excrementos operam milagres, segundo a crença generalizada. Nos exorcismos que visam expulsar o demônio, são também armas contra o mal.

Exemplifica Mário de Andrade que há uma explicação até certo ponto lógica, que leva o povo ignaro a recorrer a tais processos de cura. É levado a acreditar ferrosamente que os excretos humanos ou de animais são produtos da vida. Nesse caso, devem encerrar um princípio vital que vem da natureza. Imagina-se que os excretos daquelas origens estão plenos de vida, e, como tal, capazes de curar os que estão com a saúde abalada por males os mais diversos.

Não se trata de excrementos, porém, Mário de

Andrade não deixa de citar o candiru, pequeno peixe da Amazônia que lembra um torpedo naval. Não constatamos pessoalmente, entretanto, colegas com mais extensa vivência naquelas plagas, confirmam a original experiência que enfrentaram, como extrair da vagina de mulheres o danado do candiru, que busca a vulva feminina atraído pela urina quando, descuidadamente, urinam durante banhos de rio. No homem, pela sua dimensão, não conseguem ultrapassar o meato, mas fazem escoriações na pele e mucosa, na tentativa de penetração. Penetrando na vagina, o peixinho abre as nadadeiras, dificultando sua extração, ocasionando lesões da mucosa e da vulva.

O livro "Namoros com a Medicina" resultou das duas conferências que o autor "recitou" (apenas uma) na AFM. Em apoio de suas teses, alinha copiosa bibliografia nacional e estrangeira. Trata-se de livro interessante, elaborado por um leigo culto e inteligente. Grande folclorista, recolheu em todo o país não só crenças populares como as cantigas regionais, na sua outra condição de musicólogo. Interessantíssimo para quem clinicou ou vai tentar vida profissional por este vasto Brasil, tão cheio de contrastes e de cultura popular deveras fascinante.

* Dedicado ao prof. José Benito Ferraz, ex-secretário particular de Mário de Andrade.

Centenário de nascimento do prof. Cantídio de Moura Campos

"Olhando bem, o tempo não se conta pelo que passou, mas pelo que fez do tempo. Não se conta pelo que o tempo nos dá, mas pelo que nós damos ao tempo. A gente só possui da vida o que deu de si" (Pedro Bloch).

Carlos da Silva Lacaz

A 21 de outubro de 1889, nascia em Botucatu (Estado de São Paulo) o prof. Cantídio de Moura Campos, homem público dos mais eminentes, discípulo de Miguel Pereira na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, meu antigo mestre na Faculdade de Medicina de São Paulo, onde foi preparador de Fisiologia e, mais tarde, titular da cadeira de Terapêutica Clínica. "Coerência de atitudes, compreensão humana das coisas, tolerância equânime para tudo e para todos, paciência quase evangélica, o enquadram, a pouco e pouco, e cada vez mais, no seio da sociedade paulista. Procurando antes apagar-se do que se impor, escutando muito mais do que falando, dando mais de si do que pedindo, operoso sem alarde e culto sem ostentação, aguda inteligência, crítico sem

exibicionismo, modesto, não por cálculo, mas por vocação ingênita, tudo nele se congregava, numa riqueza de atributos que o fariam uma personalidade à parte na sua classe e um expoente em nossa comunidade. O tempo deu-lhe a pureza dos sentimentos e a vida e entendimento irrestrito das vaidades e aspirações alheias, a medicina científica e objetivada, a tolerância na aferição dos atos humanos e a medida na exteriorização do pensamento". Almeida Prado refere também que, Cantídio de Moura Campos, desde os tempos acadêmicos, fora sempre o mesmo, calado, mas oportuno e exato em tudo que dizia. Explicam-se, assim, disse aquele seu amigo fraternal, a vitória e a ascensão de Cantídio no correr dos anos.

Antigo aluno do eminente mestre, agrada-me ao final de minha carreira cultural sua memória, para relembrar uma grande figura humana, cheia

de elevadas virtudes, deixando-nos um grande exemplo, de bondade superior, de honestidade e de elevadas virtudes cívicas.

Aluno do Ginásio Nogueira da Gama, em Jacaré, foi companheiro dos professores Almeida Prado e de Aguiar Pupo que com ele também se diplomaram em Medicina, em 1912, pela Faculdade do Rio de Janeiro. O paranoico da turma fora Aloysio de Castro e patrono, Francisco de Castro, o chamado "divino mestre", o médico que para Ruy Barbosa escreveu as mais belas páginas da filosofia médica. Foi interno de Miguel Pereira e, por ocasião do centenário desse grande vulto da nossa profissão, acompanhou-o a São José do Barreiro, onde proferiu eloquente discurso sobre o famoso clínico brasileiro.

Fora da Medicina, Cantídio de Moura Campos exerceu honrosos cargos. Foi secretário da Educação na intervenção Armando de Sales Oliveira, vice-reitor da Universidade de São Paulo, diretor da

Faculdade de Medicina, exercendo essas funções com a mesma atitude recolhida, a mesma modéstia, a mesma bonomia.

Cantídio de Moura Campos foi sempre um eleito do carinho geral. No Hospital das Clínicas, por muitos anos exerceu a Diretoria Clínica desse nosocômio, afilando-se a 28 de abril de 1972, enterrado no Cemitério da Consolação. A Faculdade de Medicina comemorará condignamente o centenário de seu nascimento, apontando à posteridade o nome de um grande brasileiro, homem de rara e sublimada cultura, servido de inegável capacidade de trabalho. A modéstia que o exemplo e nós aqui estamos para apontar-lhe um grande exemplo de probidade médica, um homem de idéias elevadas, cidadão alto, abnegado e honesto, fiel aos princípios morais em que se fundamenta nossa civilização.

A Faculdade de Medicina de São Paulo preza em Cantídio de Moura Campos a figura do médico, no qual o homem não

destoa do profissional, dignificando ambos, pelo saber e correção profissional inatacável, o que há de mais belo em nossa classe: o culto aborrecido da ciência e a diligência destemperada pelo que sofrem.

Feliz o homem que não segue a máxima dos ímpios, diz a sabedoria milenar dos livros santos, nem trilha a senda dos maus, nem conviva com os insolentes, mas se deleita na Lei do Senhor e nela medita dia e noite. É semelhante à árvore plantada à beira do regato que dá frutos no devido tempo e cujas folhas jamais fenecem. Estas estrofes maravilhosas do primeiro salmo davidico bem se aplicam ao prof. Cantídio, meu antigo mestre e meu amigo, um símbolo no exercício da profissão, uma lição de vida, um grande e verdadeiro homem, a serviço da ciência e da humanidade. Foi sempre leal e amigo. Traçou uma filosofia de vida baseada na equanimidade, na tolerância na dignidade, na caridade e na justiça. Por tudo isto, seu nome jamais será esquecido.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon
Carlos Kiebarh Canova

Tertúlia

Cássia Ravaglia - Divulgação
Guido Arturo Palomba - Biblioteca e Suplemento Cultural
Heber Masa de Mattos - Música

Nelson Pedral Sampaio
Wanda Gonda

Pinacoteca